

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
BACHARELADO EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO EM LÍNGUA BRASILEIRA  
DE SINAIS (LIBRAS) / LÍNGUA PORTUGUESA

LETÍCIA MACEDO SILVA

**CARACTERÍSTICAS DA LIBRAS NA ESCRITA EM  
PORTUGUÊS DOS SURDOS**

SÃO CARLOS -SP  
2025

LETÍCIA MACEDO SILVA

## **CARACTERÍSTICAS DA LIBRAS NA ESCRITA EM PORTUGUÊS DOS SURDOS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao curso de Bacharelado em Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais (Libras) / Língua Portuguesa da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, para obtenção do título de bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Cássio Florêncio Rúbio

São Carlos-SP  
2025

Letícia Macedo, Silva

Características da Libras na escrita em Português dos surdos / Silva Letícia Macedo -- 2025.  
28f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,  
campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Cássio Florêncio Rúbio

Banca Examinadora: Vanessa Regina de Oliveira  
Martins, Fernando Cardoso dos Santos

Bibliografia

1. Libras. 2. Língua Portuguesa . 3. Sociolinguística . I.  
Letícia Macedo, Silva. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

## RESUMO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) é empregada por pessoas surdas como principal meio de comunicação, configurando-se, para muitas delas, como língua matriz. O objetivo deste trabalho é investigar possíveis influências de parâmetros da Libras no uso de elementos gramaticais e na concordância verbal do português escrito por pessoas surdas. Para isso, realizou-se um estudo bibliográfico e uma análise de materiais produzidos por surdos adultos, especialmente mensagens de um grupo de WhatsApp, que possibilitaram observar a escrita em situação espontânea. As frases selecionadas evidenciam que os participantes recorrem à estrutura da Libras ao escrever em português, o que explica diferenças na organização morfossintática, como a ausência de conectivos, preposições e conjunções. Tais traços, contudo, não devem ser vistos como “erros”, mas como manifestações naturais do trânsito entre L1 (Libras) e L2 (Português), refletindo a fluidez natural acerca da linguística da língua de sinais.

**Palavras-chave:** Libras; surdez; língua portuguesa; gramática; sociolinguística.

## **ABSTRACT**

Brazilian Sign Language (Libras) is used by deaf people as their primary means of communication, constituting, for many of them, their mother tongue. The objective of this work is to investigate possible influences of Libras parameters on the use of grammatical elements and verbal agreement in written Portuguese by deaf people. To this end, a bibliographic study and an analysis of materials produced by deaf adults were carried out, especially messages from a WhatsApp group, which allowed for observation of writing in spontaneous situations. The selected sentences show that participants resort to the structure of Libras when writing in Portuguese, which explains differences in morphosyntactic organization, such as the absence of connectives, prepositions, and conjunctions. These features, however, should not be seen as "errors," but as natural manifestations of the transition between L1 (Libras) and L2 (Portuguese), reflecting the natural fluidity of sign language linguistics.

**Keywords:** sign language; deaf; Portuguese language; grammar; sociolinguistics.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>8</b>
2.1 A Libras e o bilinguismo na comunidade surda.....	8
2.2 Aspectos da gramática da Libras.....	11
2.3 A escrita em Português como segunda língua.....	14
2.4 A influência da L1 (Libras) na aquisição e produção da L2 (Português).....	16
2.5 A escrita de surdos sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista.....	18
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>20</b>
<b>4 ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>21</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>24</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>26</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Embora o senso comum aponte que o Brasil seja um país monolíngue, o português é apenas uma das centenas de línguas presentes no território nacional, que abriga ainda línguas indígenas, europeias, africanas e de sinais, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Além disso, estudos linguísticos, especialmente os sociolinguísticos, já demonstraram que o português brasileiro, como qualquer língua natural, é heterogêneo, apresentando variações e mudanças que, longe de empobrecerem o idioma, o enriquecem.

As contribuições que constituem a língua portuguesa resultam de raízes históricas e de influências acumuladas ao longo do tempo, revelando aspectos sociais de seus falantes. Nesse âmbito, é importante se considerarem diferentes formas do idioma, tanto a normativa quanto suas variações, evitando inferiorizar estruturas linguísticas que se distanciam da norma-padrão. O autor ressalta, ainda, que a escola deve ensinar a norma-padrão sem promover repressões, permitindo que os estudantes acessem livremente outras formas de comunicação presentes em diversas comunidades.

A partir dessa perspectiva, associada à Sociolinguística Variacionista, observa-se que indivíduos surdos sinalizantes têm a Libras como primeira língua (L1), o que pode acarretar diferenças significativas quando empregam a língua portuguesa — especialmente em sua modalidade escrita. Assim, esta pesquisa investiga se pessoas surdas, ao recorrerem ao português escrito, apresentam características divergentes da gramática normativa, buscando identificar possíveis interferências da L1 na produção textual em L2.

Ainda, cabe destacar que muitas pessoas se comunicam através de mímicas e gestos, enquanto não são acometidas pelo uso da Libras, evidenciando que cada indivíduo busca meios diversos de comunicação. Deste modo, destaca-se a SVO (sujeito-verbo-objeto) que acaba por demonstrar equívocos, por parte dos ouvintes, no momento de compreender a Libras, devido à falta de preposições nas frases dos surdos, divergindo da gramática da língua portuguesa.

O objetivo deste estudo é analisar influências dos parâmetros linguísticos da Libras no emprego de elementos gramaticais e na concordância verbal do português escrito por pessoas surdas. Essa análise se fundamenta em um estudo bibliográfico e em produções reais de surdos adultos. Os resultados pretendem contribuir para o

combate ao preconceito linguístico, demonstrando cientificamente os motivos da escrita diferenciada quando comparada à de ouvintes que têm o português como L1.

A escolha do tema se justifica pelo contato cotidiano da pesquisadora (ouvinte) com mensagens escritas por pessoas surdas, que apresentam padrões distintos daqueles observados em falantes ouvintes, mas que, entre si, revelam semelhanças estruturais. Tais características são pouco documentadas pela literatura linguística e, fora do ambiente acadêmico, frequentemente classificadas como “erros”, sendo atribuídas a um processo falho de letramento.

Além disso, ainda há escassez de estudos que descrevam o português escrito por pessoas surdas e suas especificidades. Assim, esta pesquisa pode auxiliar professores na compreensão dessas diferenças e na adoção de abordagens pedagógicas adequadas ao ensino de português como segunda língua (L2), além de subsidiar reflexões sobre protocolos de avaliação compatíveis com a produção escrita dos surdos.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: a introdução apresenta a temática e sua relevância; a fundamentação teórica discute aspectos da Libras, do português e da Sociolinguística Variacionista; a metodologia descreve o método utilizado para análise do corpus; os resultados e a discussão apresentam os achados da pesquisa, articulando-os à literatura; e, por fim, as considerações finais sintetizam os principais pontos discutidos e sugerem caminhos para estudos futuros.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 A Libras e o bilinguismo na comunidade surda**

A linguagem humana mostra-se desafiadora, pois, desde os primórdios, buscam-se meios de explicar as causas daquilo que se torna visível ou audível por meio da comunicação. Durante muito tempo, essa comunicação foi explorada sobretudo pela expressão sonora e pela captação auditiva; contudo, na atualidade, nota-se que existem inúmeras formas de se expressar. Dessa maneira, quando alguém nasce com uma particularidade distinta da experiência majoritária, como ocorre com a surdez, deve-se compreender essa característica como uma capacidade comunicativa, e não como uma incapacidade.

Os indivíduos surdos e com deficiência auditiva correspondem a aproximadamente 5% da população brasileira, totalizando cerca de 10,7 milhões de cidadãos (Agência Brasil, 2019). Mesmo com a lei que reconhece e regulamenta o uso da Libras (Língua Brasileira de Sinais), essas pessoas ainda enfrentam, diariamente, diversas dificuldades para acessar serviços básicos, pois parte da população surda, especialmente os sinalizantes, utiliza a Libras, uma língua de modalidade visuo-gestual que não é dominada pela maior parte dos ouvintes brasileiros. Em um país em que a língua portuguesa, em suas modalidades oral e escrita, é a língua oficial por meio da qual se veiculam informações e serviços, torna-se necessário que a pessoa surda tenha acesso ao português para interagir socialmente. Embora não ouça, ela é capaz de compreender o português por meio de sua modalidade escrita.

Nesse cenário, destaca-se o bilinguismo, em que o indivíduo deve ser proficiente em mais de uma língua, no caso dos surdos, a Libras e o português. Esse contexto passou a ser discutido por Fishman (1972), ao referir-se ao bilinguismo como o uso de diferentes línguas em contextos e situações específicas nas quais elas são necessárias. Assim, o conceito de bilinguismo compreende, atualmente, o domínio de diferentes línguas por um mesmo indivíduo (Flores, 2023).

Falar sobre bilinguismo requer, ainda, parcimônia, para que não se reproduzam discursos permeados por uma ideologia dominante e excludente. Embora os indivíduos surdos constituam uma parcela expressiva da população brasileira, acabam sendo minorizados por utilizarem uma língua de modalidade visuo-gestual desconhecida por grande parte da população ouvinte, seja por falta de acesso, seja por falta de interesse.

Além disso, de forma compulsória, esses surdos sinalizantes adquirem o português escrito, por vezes após a aprendizagem da Libras, e se veem obrigados a utilizá-lo e dominá-lo, caracterizando um bilinguismo bimodal (Rubio; Souza, 2021). Nesse contexto vivenciado pela comunidade, há pressuposições que são muito mais de ordem social do que linguística, o que torna a realidade bilíngue da maioria das pessoas surdas excludente e injusta. No Brasil, a língua portuguesa, em suas modalidades oral e escrita, é a língua oficial e nacional, e a pessoa surda, embora não ouça, deve ser capaz de acessar o português escrito para alcançar a cidadania plena (Rubio; Souza, 2021).

Além disso, Rubio e Souza (2021) enfatizam que o bilinguismo associado à

Libras e ao português demonstra um processo produtivo, no qual ocorrem empréstimos de recursos léxicos e movimentos de renovação da língua portuguesa para a língua de sinais, evidenciando que a comunidade surda se encontra em um contexto linguístico minoritário.

Com base nesse cenário, há uma proposta em fase de implementação que defende o bilinguismo para a comunidade surda no Brasil. Atualmente, o Ministério da Educação (MEC) tem promovido amplo debate sobre a melhor maneira de contemplar as especificidades e as necessidades das pessoas surdas, tanto no que se refere ao ensino do português quanto ao papel efetivo da Libras no ambiente escolar (Silva, 2011).

Embora esses avanços tenham ocorrido de forma substancial nas últimas décadas, ainda há falta de conhecimento sobre as diferenças linguísticas dos alunos surdos, especialmente por parte dos professores, que, por vezes, veem na escrita desses discentes deficiências e incongruências, comparando-a à escrita de estudantes ouvintes e à sua própria concepção de escrita. Como argumenta Silva (2011, p. 5):

O ensino de português para surdos por vezes é elaborado a atender as necessidades dos ouvintes sem levar em conta as particularidades do surdo, talvez por desconhecimento de quem elabora esses materiais. Assim, o surdo não obtém o português de forma eficaz

Cada surdo compreende a relação entre a escrita e a língua oral de maneira única, como enfatiza Gesser (2009, p. 56), ao afirmar que “para o surdo, o desafio pode ser o de associar a escrita a uma realidade fônica que não lhe é familiar acusticamente, pois a escrita é a representação da língua falada por meio de signos gráficos.”

Lacerda e Santos (2018) acrescentam que essa forma particular de comunicação é peculiar e complexa, variando conforme a situação em que o surdo se encontra e o ambiente no qual está inserido, podendo, portanto, modificar-se de acordo com suas vivências e experiências sociais.

Além disso, é relevante que o ambiente escolar favoreça o bilinguismo, assim como os familiares ouvintes, permitindo que a Libras seja adquirida pela interação com a comunidade surda. Dessa forma, o aprendizado da língua portuguesa é facilitado a partir da consolidação da L1, levando o aluno surdo a recorrer à língua

de sinais para aprender o português (Pereira, 2014).

Isto posto, o processo de ensino-aprendizagem acaba por influenciar o aluno na escrita do português como segunda língua, assim Bittencourt (2013) e Alves (2017) destacam que a Libras interfere na escrita da Língua Portuguesa, possibilitando a estruturação de produções textuais e pensamentos desses discentes.

Nesse cenário, a importância de educadores da área mostra-se essencial para a compreensão das especificidades interativas entre as línguas. Bonfim (2023) disserta que o ensino se torna mais eficaz e inclusivo quando a formação docente prepara o professor para o ensino da Libras e do Português, favorecendo a comunicação e possibilitando que o aluno surdo tenha acesso pleno à linguagem e ao aprendizado.

Destaca-se, assim, o bilinguismo social, que deixa de ser valorizado quando prevalece o predomínio de uma das línguas, situação em que apenas o português é imposto no ensino, em detrimento, por exemplo, de línguas matrizes indígenas, africanas ou das línguas de sinais. Contudo, é importante lembrar que a pessoa surda é plenamente capaz de escrever bem em português, mesmo sem vocalizar nenhuma palavra da língua oral, pois o aprendizado da escrita, em geral, ocorre por meio da instrução formal (Gesser, 2009). Ou seja, a forma como o ensino da escrita é conduzido influencia diretamente a maneira como o surdo passará a utilizá-la. Se esse processo for imposto, torna-se árduo e pode gerar memórias negativas; por isso, é fundamental construir novas abordagens para o ensino do português como segunda língua para surdos.

## **2.2 Aspectos da gramática da Libras**

Em todo o mundo, há mais de 7 mil línguas empregadas, em sua imensa maioria de modalidade oral. Desse quantitativo, estima-se que existam entre 138 e 300 línguas de sinais utilizadas ao redor do planeta (Bertaglia, 2020). Soler e Martins (2022) dissertam que tanto a Libras como a Língua Portuguesa podem ser utilizadas como língua matriz, ou seja, como a língua proveniente da estrutura do sujeito que a utiliza ou como matricial, sendo esta que busca colocar o indivíduo em funcionamento comunicacional para que este possa se expressar e mostra-se

compreendido, justificando que inúmeras gramáticas, diferenças e semelhanças sejam notadas.

As línguas de sinais e as línguas orais possuem gramáticas próprias e apresentam semelhanças em seu nível estrutural, diferenciando-se principalmente pela modalidade: enquanto as línguas orais ocorrem predominantemente no canal vocal-auditivo, as línguas de sinais se realizam no canal visuo-gestual. Apesar desse estatuto linguístico, ainda persiste, como aponta Gesser (2009), a concepção equivocada de que as línguas de sinais seriam universais e não apresentariam variações entre diferentes comunidades.

Assim como não é possível que uma única língua oral exista de maneira uniforme nos cinco continentes, também é impossível que haja uma única língua de sinais que não tenha sido historicamente construída e modificada pelas comunidades que a utilizam. Em outras palavras, assim como nas línguas orais, fatores extralinguísticos, diferenças geográficas, temporais e sociais, além do contato entre povos e línguas de diferentes modalidades, contribuem para a formação de sistemas linguísticos singulares, permeados por uma sociedade e por uma história igualmente singulares (Gesser, 2009).

Cada língua possui uma forma particular de organizar as palavras em uma frase, e essa organização, chamada de ordem das palavras, é o ponto de partida para compreender como cada língua constrói sentido. De acordo com a Teoria X-barra (Chomsky; Lasnik, 1995, apud Quadros; Pizzio; Rezende, 2008), essas escolhas correspondem à definição de parâmetros que determinam a relação entre núcleo e complemento, núcleo e adjunto, e especificador e núcleo. Tais parâmetros representam as possibilidades que cada língua estabelece dentro de princípios universais, como a posição do verbo em relação ao objeto ou do sujeito em relação ao verbo.

A Libras e o Português, por exemplo, apresentam parâmetros distintos, e essa diferença estrutural pode ser observada na escrita de sujeitos surdos que têm a Libras como L1, uma vez que, ao escreverem em Português, podem transferir a fluidez natural para a sintática própria da Libras. Nesse sentido, a língua matriz deve ser destacada, permitindo que os indivíduos a utilizem no momento de produzir seus próprios discursos, logo o Português muitas vezes não é a língua matriz do surdo, mas sim a Libras, evidenciando a necessidade de se compreender ambos os cenários na constituição do ensino-aprendizagem (Soler; Martins, 2024).

Assim, ensinar gramática no contexto da Libras constitui uma forma diferenciada de aprendizagem da língua, quando comparado ao Português, pois a Libras é composta por expressões faciais, corporais e por movimentos das mãos, elementos essenciais para que a comunicação seja efetiva (Bonfim, 2023). Conseqüentemente, Bonfim (2023) enfatiza que a gramática dessa língua não se restringe a uma simples transposição da língua portuguesa, mas baseia-se em uma estrutura própria, fundamentada nos elementos necessários ao pleno domínio dessa forma de comunicação.

Segundo Godoi (2021), tanto a língua portuguesa quanto a Libras são estruturadas nos mesmos níveis linguísticos, sendo eles:

- **Fonológico:** dedica-se ao estudo das unidades que compõem os sinais. Embora esse nível, no Português, esteja associado aos sons articulados dos fonemas, na Libras ele se concentra na combinação e formação dos sinais por meio dos parâmetros de configuração de mão, ponto de articulação, orientação, movimento e expressões faciais e corporais.
- **Semântico:** estuda a relação entre os sinais e seus sentidos. Esse campo investiga a natureza do significado das palavras e seus agrupamentos nas sentenças. Assim, o significado dos sinais depende também dos parâmetros estabelecidos no nível fonológico.
- **Morfológico:** refere-se à escolha dos sinais e à sua formação, estudando o aspecto formal das palavras tanto na língua oral quanto na Libras. Na língua de sinais, os parâmetros morfológicos correspondem aos morfemas, e o estudo desse nível se insere na categoria léxica da linguagem. Nesse contexto, utilizam-se classificadores que permitem destacar detalhes específicos dos sinais, possibilitando descrever pessoas, situações e objetos em seus respectivos contextos. Esses classificadores descrevem e demonstram trajetórias, localizações e formas que indicam pluralidade e/ou intensidade do que se deseja expressar.
- **Sintático:** organiza os sinais nas frases. Na Libras, não há necessidade da adição de conjunções ou preposições como ocorre na língua portuguesa, o que evidencia diferenças na construção da coerência entre as duas línguas. Cabe mencionar que, na língua de sinais, a ordem comunicativa concentra-se, principalmente, na estrutura tópico-comentário, em que o elemento com maior carga informacional surge logo no início da frase.

Mesmo com esses conceitos e com certas semelhanças em relação ao

Português, a Libras continua sendo uma língua distinta e, portanto, não deve ser considerada uma versão “gestual” da língua portuguesa. Esse aspecto se torna ainda mais evidente quando se observa que inúmeras construções presentes na fala oral não se aplicam de forma direta à língua de sinais, como a ordem fixa de sujeito e verbo nas frases. Assim, essas diferenças não configuram erro, mas revelam uma lógica própria, funcional e coerente para a Libras (Godoi, 2021).

### **2.3 A escrita em Português como segunda língua**

O ensino da língua portuguesa como L2 para surdos é um tema complexo e discutido em diversas vertentes, constituindo uma preocupação tanto de docentes quanto da educação brasileira como um todo. De acordo com Pereira (2014), muitos estudantes surdos, até recentemente, chegavam à escola com apenas resquícios do Português. Assim, cabia ao professor a responsabilidade de aprimorar o aprendizado dessa língua, pois, em muitos locais, a língua de sinais era proibida. Consequentemente, esse processo de aprendizagem muitas vezes se restringia a fragmentos, evidenciando dificuldades de acesso à oralidade e à escrita e levando muitas pessoas surdas a serem consideradas incapazes de aprender o Português.

Pereira (2014) destaca ainda que somente a partir da década de 1980 a Libras passou a ser reconhecida como um meio eficaz de aprendizagem e como promotora de melhores resultados na educação de surdos. Gradativamente, essa língua foi inserida no âmbito educacional; entretanto, inicialmente, era utilizada para que os sinais funcionassem como um recurso auxiliar da língua oral, prática que ficou conhecida como Comunicação Total. A autora ressalta também que as influências de Vygotsky e Bakhtin foram fundamentais para que a língua passasse a ser compreendida como uma atividade social e como um espaço de interação entre os sujeitos e a sociedade.

A partir de 2005, esse cenário começou a mudar com a criação do Decreto Federal nº 5.626, que estabeleceu a obrigatoriedade de as escolas oferecerem, aos estudantes surdos, uma educação bilíngue, tendo a Libras como L1 e a língua portuguesa como L2. Esse novo formato de ensino contribuiu de forma efetiva para a melhoria do aprendizado e do conhecimento dos discentes surdos; entretanto, ainda era visível a dificuldade que muitos apresentavam em relação ao Português, reforçando a ideia de que a surdez seria a responsável por esse percalço (Pereira,

2014).

Considerando um sujeito surdo sinalizante, é necessário levar em conta suas particularidades linguísticas no momento do aprendizado do português escrito. Afinal, se sua primeira língua não é utilizada como língua de instrução na escola, o Português não é adequadamente absorvido. Além disso, esse indivíduo pode apresentar dificuldades em relacionar oralidade e escrita, uma vez que o português escrito se apoia, em algum nível, na representação dos sons da linguagem oral. Dessa forma, a criança surda, por não ter acesso ao som, percebe a escrita apenas como um conjunto de códigos abstratos. Como aponta Ahlgren (1992, apud Silva, 2011, p. 6), “os sinais gráficos são símbolos abstratos para quem nunca ouviu os sons e entonações que eles representam”.

Nessa perspectiva, é possível observar algumas “inconstâncias” na escrita em português de sujeitos surdos, como constatou Peixoto (2006), ao enfatizar que certas irregularidades morfosintáticas remetem diretamente a construções próprias da língua de sinais. Desse modo, os elementos textuais de uma língua para outra se diferem significativamente, sendo possível observar distinções no uso de artigos, conectivos, bem como na flexão verbal e adjetival. Isso significa que, quando pessoas surdas escrevem em Português, os parâmetros de sua primeira língua influenciam essa produção textual.

Tais irregularidades não devem ser vistas como erros ou como marcas de menor prestígio linguístico. É direito do cidadão surdo ser validado por sua escrita e, igualmente, ter garantido o direito de se expressar por meio da língua de sinais, caso opte por não aprender o Português. Como aponta Gesser (2009, p. 83)

O surdo tem direito de usar a língua que mais lhe convier, oral ou de sinais, no intuito de compreender seu interlocutor e se fazer entender por ele. No caso do uso da língua oral, o surdo tem direito de cometer lapsos, de se autocorriger e de empenhar-se a fim de ser claro e preciso. O mesmo deve valer para a língua de sinais.

Sendo assim, o surdo deve passar por um processo de significação que parta da Libras em direção à língua escrita — no caso, o Português —, para que possíveis inadequações sejam percebidas, trabalhadas e corrigidas ao longo da aquisição da escrita, considerando que o surdo se orienta a partir de sua L1 para aprender a L2 (Almeida; Lacerda, 2019; Soler, Martins, 2024).

É necessário reconhecer as produções escritas dos surdos como válidas. Assim, os professores precisam ensinar a ortografia oficial sem permitir que a gramática normativa imponha um ideal que exclua a diversidade linguística. É igualmente essencial reconhecer os diferentes falares e variações existentes (Labov, 2006), visto que a busca por um ideal linguístico homogêneo acaba por rejeitar variedades como as de imigrantes, indígenas e dos próprios surdos, contribuindo para seu desprestígio.

Além disso, como pontua Silva (2011), embora haja padrões morfossintáticos necessários para a eficácia comunicativa de uma língua, esses padrões são constantemente modificados pelo uso real que seus falantes fazem dela, o que precisa ser reconhecido. A língua é convencionada entre seus usuários, mas, em determinados contextos, eles realizam alterações sem que percebam, modificando e enriquecendo a língua e permitindo que ela construa sua história e seus percursos, por tratar-se de uma língua natural.

#### **2.4 A influência da L1 (Libras) na aquisição e produção da L2 (Português)**

A aquisição da linguagem é explicada por diversas teorias, porém a proposta de Noam Chomsky é a que mais prevalece. Segundo o autor, o conhecimento da língua ocorre por meio de um módulo cognitivo específico, constituído por princípios organizadores que facilitam a aquisição linguística, independentemente de experiências extensivas de contato com pessoas já familiarizadas com a língua (Alves, 2017).

No contexto da Libras e do Português, este último é adquirido pelos surdos de forma visual. Contudo, na língua de sinais, a estrutura utilizada possibilita a organização lógica das ideias, associando-se a uma estrutura morfossintática própria, o que explica por que esse modo de organização tende a refletir-se também na produção em língua portuguesa (Parreira; Lima, 2020).

A Libras é considerada a L1 dos surdos, sendo fundamental para que a L2, no caso, o Português, seja adquirida de forma eficiente. Além disso, a Libras é geralmente adquirida de maneira natural, a partir da convivência com outros surdos. Bitencourt (2013) afirma que a ausência da Libras no contexto escolar torna o processo de aprendizagem do Português mais lento. Assim, observa-se que, além das dificuldades enfrentadas pelo estudante surdo em sala de aula, a aquisição da

L2 também é complexa, evidenciando as diferenças no processo de aprendizagem entre ouvintes e surdos.

A aquisição da língua portuguesa, segundo Quadros (1997), pode ocorrer de três maneiras: de forma concomitante com a L1; de forma espontânea, porém não simultânea à L1; ou por meio de um processo sistemático de aprendizagem. Esse cenário se torna mais evidente quando se observa o ambiente em que o discente surdo está inserido. Crianças que possuem pais surdos tendem a aprender a L2 apenas no ambiente escolar. Já aquelas que possuem pais ouvintes geralmente apresentam noções básicas de Português, em razão das demandas de comunicação no contexto familiar. Há também situações em que os próprios pais ensinam Libras ou Português às crianças, com o objetivo de facilitar e aprimorar a comunicação (Bitencourt, 2013).

É perceptível que, ao utilizar o Português, o surdo acaba por recorrer à estrutura de sua L1, na qual não há flexões verbais nem uso de conectivos. Assim, a Libras tende a influenciar e interferir na escrita e na aquisição da L2 por esses indivíduos (Bitencourt, 2013). Consequentemente, surgem dificuldades em diversos níveis de aprendizagem do Português, o que explica o uso inadequado de preposições e conjunções, inexistentes na Libras, que não utiliza modos verbais nem flexões de tempo (Parreira; Lima, 2020).

Parreira e Lima (2020) afirmam ainda que o surdo, muitas vezes, é visto como um “estrangeiro” no uso da língua portuguesa, devido ao emprego inadequado de elementos essenciais da frase, aliado à pouca vivência efetiva nessa língua. Esse quadro acaba por evidenciar marcas de interlíngua na escrita e na comunicação desses sujeitos.

Além disso, Soler e Martins (2022) enfatizam que a interação entre a Libras e a Língua Portuguesa demonstra um contexto de hibridização linguística, porém isso não deve ser considerado um “erro”, mas sim uma manifestação da transição entre as línguas, evidenciando o visual-gestual e a oralidade-auditiva. Consequentemente, as autoras dissertam ainda que essa hibridização é um processo construtivo na formação de cada indivíduo surdo, podendo ser chamado de “português surdo” ao envolver a língua matriz e a língua adicional.

Nota-se que este fenômeno se interliga também a questões sociolinguísticas e políticas, devido ao enfrentamento do preconceito pelos falantes de Libras, principalmente quando se analisa o cenário educacional que tende a privilegiar a

utilização da norma culta do Português. Isto posto, é relevante que não se considere a hibridização como uma “falha” na aquisição da Língua Portuguesa, mas sim como uma maneira legítima e coerente da manifestação da Libras pelos surdos, destacando a construção linguística de cada ser e suas respostas socioculturais (Martins *et al.*, 2024).

## **2.5 A escrita de surdos sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista**

A utilização da Sociolinguística permite compreender e validar a escrita de sujeitos surdos, ao estabelecer uma relação entre língua e sociedade. Os estudos nessa área datam de 1961, em Los Angeles, e possibilitam um entendimento mais amplo sobre o surgimento e o funcionamento social das línguas (Silva, 2019).

A Sociolinguística apresenta diversas vertentes, entre as quais: a cognitiva, que enfatiza a compreensão do uso da língua diante de fatores culturais e sociais; a paramétrica, que investiga a demarcação de valor a partir da gramática universal; a educacional, relacionada ao ensino e à variação linguística; a interacional, voltada à análise da interação linguística entre indivíduos e sociedade; e a variacionista, que busca explicar de forma sistemática o funcionamento da língua (Peres; Alves, 2022).

A Sociolinguística Variacionista, também chamada de Teoria da Variação e Mudança, é uma vertente proposta por William Labov, linguista norte-americano, com o objetivo de explicar a variação sistemática das línguas em contextos sociais. Labov (2007) relata que, no início de seus estudos, percebeu que a fala cotidiana apresentava grande diversidade linguística. Seu propósito, portanto, passou a ser compreender a estrutura e a evolução de uma língua em seu contexto social, partindo da constatação de que existem diferentes maneiras de usar a mesma língua, dependendo dos falantes e das situações de interação.

Esse modelo contrapõe-se a correntes anteriores, como a estruturalista e a gerativista. Tais correntes analisavam a língua como uma estrutura homogênea, passível de ser estudada independentemente de seu contexto social. A Sociolinguística, ao contrário, apresenta uma nova abordagem ao compreender que a língua não é apenas resultado da aplicação de regras, mas um sistema em constante variação, motivado por fatores sociais, geográficos, além de pressões internas e externas ao próprio sistema linguístico. Essa variação pode manifestar-se nos mais diversos níveis linguísticos, como o fonético-fonológico, morfológico,

sintático, semântico e discursivo.

Desse modo, torna-se evidente que as línguas mudam naturalmente ao longo do tempo, condicionadas por diferenças étnicas, sociais e históricas. Para os sociolinguistas, possuir ou não escrita, ou ter ou não prestígio em uma comunidade, não constitui critério científico para classificar uma língua, uma vez que ela é concebida como um sistema inerentemente heterogêneo. Nesse sentido, existem inúmeros trabalhos que defendem o respeito à heterogeneidade linguística, como registra Labov, citado por Coan e Freitag:

[...] guias educacionais têm solicitado aos professores que respeitem a linguagem não padrão como outro modo de falar, que a reconheçam como simplesmente diferente da linguagem da escola, em vez de condená-la como falha, desleixada e ilógica. (Labov, 2003, *apud* Coan; Freitag, 2011, p. 7).

Wiedemer (2009) complementa que a Sociolinguística se preocupa em estudar a língua em sua produção real dentro de uma comunidade, com o objetivo de compreender a regularidade presente na variação da fala. Nessa mesma perspectiva, e a partir dessa teoria, tornou-se possível identificar que a constância dessa variação é sistemática e regida por regras não categóricas, mas variáveis.

O processo de variação é influenciado por fatores sociais (como classe social, sexo, idade e escolaridade) e por fatores linguísticos (variáveis internas da língua). A regra variável corresponde, portanto, a uma ocorrência que apresenta frequência condicionada por interferências linguísticas e extralinguísticas (Wiedemer, 2009). As formas linguísticas alternantes são chamadas de variantes e, quando uma variante é vista como “feia” ou “errada”, sua avaliação negativa recai sobre o indivíduo que a utiliza. Dessa forma, é fundamental reconhecer a necessidade de respeitar o modo de falar do outro e aprender a conviver com as diferenças linguísticas.

Assim, se todo idioma, em seu uso efetivo, está sujeito a variações, é correto afirmar que sua modalidade escrita também sofre variações decorrentes do uso de seus falantes.

No trato com as variantes, devemos substituir o par certo/errado pela dicotomia adequado/inadequado. Com efeito, cada variante é mais adequada para uma determinada situação de interlocução, e, portanto, a um dado gênero do discurso (Fiorin, 2013, p. 40).

E o que dizer das línguas sinalizadas? Elas também apresentam variação em sua manifestação. A língua sinalizada predominante no Brasil é a Libras, cuja forma escrita possível é o *SignWriting*, um sistema que permite ler e escrever qualquer língua de sinais sem a necessidade de tradução para uma língua oral. Entretanto, esse sistema ainda não é dominado por todos os seus usuários. Dessa forma, o português escrito continua sendo utilizado majoritariamente tanto por ouvintes quanto por surdos sinalizantes.

Ademais, neste cenário, pode-se mencionar a textualidade deferida, sendo esta responsável por auxiliar no armazenamento de informações através da tecnologia, como registros de vídeos, logo o indivíduo é capaz de utilizar sua língua matriz, de forma mais confortável, para realização de práticas letradas (Martins *et al.*, 2024).

### **3 METODOLOGIA**

A presente pesquisa é de natureza exploratória e de abordagem qualitativa. Segundo Gil (2008), a utilização da pesquisa exploratória possibilita ao pesquisador esclarecer, compreender e formular problemas reais associados à investigação. Dessa maneira, proporciona-se uma visão geral da temática estudada, favorecendo uma melhor compreensão.

Já a abordagem qualitativa, de acordo com Casarin e Casarin (2012), permite o uso de estratégias indutivas, descrevendo o fenômeno estudado, sua ocorrência e as relações entre os fatores observados.

O corpus da investigação é composto por mensagens de texto de um grupo fechado do aplicativo WhatsApp, formado por cerca de 40 adultos surdos bilíngues. A escolha dessa amostra se justifica pelo fato de tratar-se de um grupo restrito cujos participantes se expressam em português escrito de forma espontânea, equivalente à maneira como escrevem em seu cotidiano. Ressalta-se que todas as identidades dos participantes foram integralmente preservadas, garantindo total sigilo e anonimato. Assim, constitui-se uma amostra adequada para a pesquisa, cujo objetivo é analisar essas produções, observando sua sintaxe e, posteriormente, comparando-a com a sintaxe da Libras.

As mensagens analisadas concentraram-se no período de 26 de julho a 15

de agosto de 2019, o que permitiu observar uma amplitude significativa de escritas, bem como a gramática e os recursos linguísticos utilizados pelos surdos. Esse recorte possibilitou evidenciar os resultados obtidos e os parâmetros analisados.

O grupo do aplicativo WhatsApp não apresentou fim explícito para esta pesquisa, porém foi utilizado após a observação da maneira como os componentes se comunicavam, baseando-se na formação de frases, uso ou não de pronomes e ordem das palavras. Assim, foi notável que as conversas passavam por situações educacionais, explicitadas nas frases que serão apresentadas na análise de dados desta pesquisa. Cabe mencionar que a pesquisadora não teve influência no grupo, participando apenas como uma observadora da maneira como os surdos bilíngues se comunicavam através da escrita em Português.

#### 4 ANÁLISE DOS DADOS

Inicialmente, foram selecionadas 8 sentenças relevantes para análise dessa pesquisa, todas escritas por participantes surdos do grupo. A seguir seguem as frases selecionadas:

1. *Pessoal. Sobre emails. Alguns receber. Outros não. Será ainda vão enviar? Ou quem não receber não confirmada inscrição. Preocupo porque longe viagem. Não da pra chegar aí e não conseguir fazer formação.*
2. *Desculpe. Eu confuso nome disciplina. Faz inscrição outro disciplina. Errado. Não aceitar trocar disciplina. Muito triste. Bom estudo pra vcs.*
3. *Fácil comprar passagem?*
4. *Hoje vai shopping? Passar aqui localização.*
5. *É isso percebi essa perguntar eu muito esquisito nem conseguir me refletir! Vc já explicou esclarecer! Valeu mano.*
6. *Hoje já madrugada 4 grau.*
7. *E outros ainda não mandam. Faz o que! Não tem obrigatório!*
8. *Mas só dois questões! Se errado um questão, já perdi.*

Cabe destacar, primordialmente, que a forma de escrita apresentada por essas pessoas não é incorreta, mas sim decorrente do bilinguismo e da experiência adquirida por eles na convivência com a comunidade surda e com ouvintes.

A Libras privilegia, de forma concisa, a estrutura TÓPICO-COMENTÁRIO, evidenciando que a informação mais importante é apresentada primeiro na frase, com o restante sendo um complemento do que se deseja falar. Na frase 1, as palavras “pessoal” (tópico) e “sobre emails” (comentário) mostra-se coerente para a Libras, sendo uma ordem natural para os surdos, assim como enfatizam Quadros, Pizzio e Rezende (2008) e Quadros e Karnopp (2009). Isto posto, esses autores enfatizam ainda que a escrita produzida por pessoas surdas demonstra padrões sistemáticos, sendo associados a fenômenos da Libras e da aquisição do Português como L2.

A frase 6 também se encaixa nessa análise, com o tempo sendo estabelecido por “hoje” e “madrugada”, após o comentário “4 grau”, reforçando o uso da estrutura TÓPICO-COMENTÁRIO, seguindo a fluidez natural da Libras e não a do Português.

A topicalização pode ser marcada também por expressões faciais, como pausa e orientação do tronco, intensificando a estrutura utilizada na Libras, pois ela não depende da ordem SVO (sujeito-verbo-objeto).

A língua de sinais apresenta uma ordem sintática flexível guiada por informações e não pelas regras morfológicas, assim como ocorre com a língua portuguesa, justificando que as frases selecionadas sejam separadas e segmentadas por blocos, fato este que pode ser notado na frase 4, demonstrando uma organização espacial do discurso, justificando que a progressão lógica substitua conectivos e articulações de escrita (Quadros; Pizzio; Rezende, 2008).

A ausência de flexões verbais na Libras é altamente discutida na literatura, pois os verbos acabam por não receber desinências de tempo, pessoa ou modo, logo o tempo é marcado por advérbios ou por contextos discursivos nas frases de L1, onde há verbos concordacionais, locação do remetente e expressões não manuais. Essa marcação de tempo na Libras ocorre através de elementos lexicais e expressões não manuais, ou seja, não há afixos morfológicos verbais, como ocorre no Português (Godoi, 2021), fato este que é notado nas expressões “Alguns receber”, “Fácil comprar passagem”, “E outros ainda não mandam. Faz o que!” e “Se errado um questão, já perdi”, onde os verbos surgem sem flexão, reforçando a transferência natural da Libras. Este autor indica ainda que a concordância na língua de sinais é espacial, mas não morfológica, portanto, o movimento do verbo aponta para o referente da frase, justificando a não presença de O, OU e MAS nas frases 1, 2 e 8.

Parreira e Lima (2020) corroboram com esse contexto, discorrendo que o comportamento observado na escrita de surdos é coerente com a L1 dessas pessoas e a escrita acaba por encontrar-se em uma fase interlíngua de elementos morfológicos inexistentes na Libras, que, quando passadas para a L2, acabam por também não serem incorporados na escrita.

Peixoto (2006) destaca ainda que os surdos, quando iniciam na escrita do Português, omitem elementos funcionais, dentre eles artigos, conjunções e preposições, afinal esses conjuntos de classes gramaticais não são estruturas presentes na língua de sinais. As frases “Preocupo porque longe viagem” e “Faz inscrição outro disciplina” são exemplos clássicos desses contextos apresentando a estrutura sintática da L1, com classificadores, apontamentos e espaço, diferente do que ocorre no Português, em que são utilizados morfemas e preposições. É perceptível, nas frases selecionadas, que preposições léxicais como EM, DE, PARA e POR não são utilizadas, entretanto não há erros nessa escrita, apenas uma transferência da L1 com ausência de preposições.

A concordância verbal e nominal também se apresenta como um parâmetro relevante para discussão, pois, na língua de sinais, não há morfemas de número, gênero ou pessoa. Isso explica os padrões observados nas frases 2, 7 e 8, em que os surdos não marcam gênero, já que esse traço não existe em sua L1. Assim, conforme Parreira e Lima (2020), esses indivíduos mobilizam recursos da L1 ao utilizar a L2.

As conjunções também não apresentam equivalência morfológica direta com o Português. Assim, observa-se a ausência de elementos como *porque*, *antes que* e *embora*, como nas frases “Será ainda vão enviar?” e “Muito triste. Bom estudo pra vcs”, nas quais há justaposição e uma prosódia sinalizada subentendida.

Essa análise também se aplica à frase “Vc já explicou esclarecer. Valeu mano”, que evidencia a justaposição e a relação semântica entre os enunciados, dependente da prosódia visual e não exclusivamente de conectivos, como ocorre no Português. Por isso, é comum que textos produzidos por surdos sejam escritos em blocos (Quadros; Karnopp, 2004).

Além disso, pronomes relativos como *que*, *cujo*, *quem* e *onde* não são utilizados na Libras, sendo a relação entre a oração e seu antecedente expressa por apontamentos e justaposição. Quadros e Karnopp (2004) explicam que esse fenômeno envolve uma relação sintática estabelecida por meio da indexação

espacial, como se observa na frase “Será ainda vão enviar?”.

Observa-se que a Sociolinguística possibilita analisar as estruturas mencionadas e a adequação das frases selecionadas ao contexto. Labov (2007) salienta que essas variações são inerentes à língua natural de cada falante e que classificá-las como “erros” configura preconceito linguístico. Para pessoas surdas, esse cenário é ainda mais evidente; contudo, elas têm o direito de utilizar a linguagem que lhes é mais acessível, e sua escrita não deve ser vista como sinal de incapacidade, mas sim como reflexo do bilinguismo (Gesser, 2009).

O bilinguismo, por sua vez, implica um “trânsito” linguístico entre a L1 e a L2, exigindo uma compreensão ampliada sobre a forma como o surdo escreve (Fernandes, 2006). Isso se evidencia nas frases analisadas, nas quais ora a escrita se aproxima mais da Libras, ora mais do Português. Lacerda e Santos (2013) corroboram esse entendimento ao enfatizar que a escrita do surdo somente pode ser compreendida quando sua L1 é reconhecida como elemento central de sua constituição linguística.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As frases analisadas e discutidas demonstraram diferenças significativas entre a escrita de pessoas surdas e a escrita de pessoas ouvintes, revelando padrões sistemáticos associados à gramática da L1. Isso confirma que os supostos “erros” observados não devem ser interpretados como desvios, mas sim como manifestações de uma interlíngua Português–Libras.

A Libras possui estrutura gramatical própria, com mecanismos e modos específicos de expressão. Assim, ao escreverem em L2, é natural que algumas construções produzidas por pessoas surdas pareçam desconexas para ouvintes; contudo, tal fenômeno representa apenas a transferência linguística de ideias estruturadas em L1 para o Português.

Nessa perspectiva, o preconceito linguístico deve ser mitigado, assegurando que pessoas surdas possam se expressar de acordo com a gramática e com as formas de concordância presentes em sua língua natural — da mesma maneira que ocorre com ouvintes, que se apropriam das estruturas do Português para falar e escrever. Um exemplo disso é a estrutura tópico-comentário, amplamente utilizada por pessoas surdas.

Por conseguinte, nota-se que o objetivo proposto por este trabalho foi alcançado, ao evidenciar questões gramaticais, ausência de algumas conjunções e preposições, bem como características específicas do modo de escrita de pessoas surdas. Enfatiza-se, assim, que não se trata de “erros”, mas de um processo de transferência da L1 para a L2.

Para pesquisas futuras, espera-se que a temática seja amplamente explorada no meio acadêmico, seja por meio de revisão bibliográfica, seja por pesquisas empíricas e entrevistas com pessoas surdas e ouvintes. Tal aprofundamento poderá contribuir para a redução do preconceito linguístico e para a valorização das diferentes formas de manifestação linguística, oral ou escrita, conforme cada indivíduo é conduzido por sua língua matriz.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Brasil tem 10,7 milhões de deficientes auditivos, diz estudo. 2019. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-10/brasil-tem-107-milhoes-de-deficientes-auditivos-diz-estudo>. Acesso em: 17 set. 2025.

ALMEIDA, Djair Lázaro de; LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Português como segunda língua: a escrita de surdos em aprendizagem coletiva. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 58, n. 2, p. 899-917, 2019.

ALVES, Marcelo Meira. A categoria tempo na interlíngua Português-Libras: aquisição do Português escrito como L2 por surdos. **Repositório Digital de Teses e Dissertações do PPGLin/Uesb**, v. 5, p. 145 p.-145 p., 2017.

BERTAGLIA, Rosi. A Língua de Sinais é universal? Handtalk.me, 2020. Disponível em: <<https://www.handtalk.me/br/blog/lingua-de-sinais-universal/#:~:text=Existem%20entre%20138%20e%20300,com%20o%20passar%20do%20tempo>>. Acesso em: 18 nov. 2025.

BITENCOURT, Lílian Raquel Borba. **A influência da Libras na produção escrita do aluno surdo**. 2013. Monografia (Letras) – Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2013.

BONFIM, Rosirene Souza. **Ensino da gramática da Libras sob a perspectiva dos professores em formação inicial**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras/Libras) – Universidade Federal Tocantins, Porto Nacional, 2023.

CASARIN, Helen de Castro Silva; CASARIN, Samuel José. **Pesquisa Científica: da teoria à prática**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

COAN, Márluce; FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística variacionista: pressupostos teórico-metodológicos e propostas de ensino. **Domínios de Linguagem**, v. 4, n. 2, p. 173-194, 2010.

FERNANDES, Eulalia. **Bilinguismo e surdez**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

FIORIN, José Luiz. **Linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto. 2013.

FLORES, Vinicius Martins. Obrigatoriamente bilíngues: a interconexão entre a lei de Libras e o bilinguismo bimodal na experiência surda. **Revista virtual de estudos da**

**linguagem**, v. 21, n. 20, p. 1-28, 2023.

GESSER, Audrei. **Libras, que língua é essa?** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GODOI, Eliamar. Níveis linguísticos da Libras: do sinal à frase. In: GODOI, Eliamar. **Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS: a formação continuada de professores**. 2 ed. Uberlândia: EDUDU, 2021. p.113-187.

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**. v. 5, n. 9, 2007.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa; SANTOS, Lara Ferreira. **Tenho um aluno surdo, e agora?**: introdução à Libras e educação de surdos. EdUFSCar, 2013.

MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira et al. Textualidade diferida em Libras e os desafios para a apropriação da escrita por alunos surdos dos anos iniciais do ensino fundamental. **Caletroscópio**, v. 12, n. 2, p. 92-107, 2024.

PARREIRA, Mirlian Mara Novaes; LIMA, Layane Rodrigues. Uma Análise da Interlíngua em Textos Escritos em Português como Segunda Língua de Estudantes Surdos da Educação Básica: A Influência da Libras. In: SOUSA, Alexandre Melo; GARCIA, Rosane; SANTOS, Tatiane Castro. **Perspectivas para o ensino de línguas: educação de surdos, Libras e inclusão**. Rio Branco: Educaf, 2020. p. 78-95.

PEIXOTO, Renata Castelo. Algumas considerações sobre a interface entre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a Língua Portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda. **Cadernos Cedes**, v. 26, p. 205-229, 2006.

PEREIRA, Maria Cristina da Cunha. O ensino de português como segunda língua para surdos: princípios teóricos e metodológicos. **Educar em revista**, n. numeroesp02, p. 143-157, 2014.

PERES, Gilberto Antonio; ALVES, Nauali Martins. Discussões sobre a sociolinguística educacional e a sociolinguística interacional: desdobramentos da sociolinguística variacionista. In: RODRIGUES, Leandro de Amaro et al. **Teorias Linguísticas: tecendo reflexões sobre os estudos da linguagem**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. p. 95-110.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Muller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luíza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais II**. 1ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. **Língua de sinais brasileira: estudos**

linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2009.

RUBIO, Cássio Florêncio; SOUZA, Joyce Cristina. Perfil sociolinguístico dos surdos de São Carlos: o bilinguismo bimodal Libras/língua portuguesa. **Signótica**, v. 33, p. e68412-e68412, 2021.

SILVA, Renata de Arruda Câmara. Compreendendo a escrita surda na perspectiva da sociolinguística. **Revista virtual de cultura surda**, p. 01-15, 2019.

SILVA, Érica Regina Araújo. Língua De Sinais e Português escrito: Possíveis influências da primeira no aprendizado do segundo. **Revista Científica da FASETE**, v. 5, n. 5, 2011.

SOLER, Priscila Silveira; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira. Língua portuguesa como língua adicional para surdos e o seu aprender em articulação com a Libras como língua matriz. **Revista Educação Especial**, v. 35, p. 1-21, 2022.

WIEDEMÉR, Marcos Luiz. Introdução aos conceitos básicos da sociolinguística. **Cadernos do CNLF**, v. 13, n. 03, p. 129-140, 2009.